

FILOSOFIA DO MERCOSUL - UM DESAFIO*

CARLOS GERARDO GONZÁLEZ

Ministro do Superior Tribunal de Justiça da Província de Formosa - Argentina

Quando abordamos a problemática sobre a proteção jurídica no Mercado Comum, através da aplicação do Direito Comunitário, caminhamos, inexoravelmente, a um estudo comparado entre o Mercosul e a Comunidade Européia.

Aspectos como independência do Direito Comunitário em relação ao Direito Nacional Interno; aplicação direta do Direito Comunitário; primazia do Direito Comunitário e a tarefa de interpretação unificadora e vinculante de um Tribunal de Justiça Supranacional constituem os pontos essenciais, sob a ótica jurídica, para o processo de integração dos Estados membros (Mercosul) que tenha por objetivo a formação real de um mercado comum com preponderância da livre circulação de bens, serviços e fatores produtivos, sem descuidar, obviamente, da vital importância entre os atores do processo como o constituem as pessoas físicas e/ou jurídicas que exigem desfrutar da suficiente segurança jurídica que venha permitir o cumprimento das normas próprias resultantes desse processo.

Cabe perguntar se é um problema que afeta somente à política, à economia, ao direito, à sociologia, à cultura, ou se existem, além destas, outra aresta não menos importante do que as já apontadas.

Se estamos observando o que os meios cotidianamente põem ao alcance da sociedade, o enfoque, se não é econômico, é político ou jurídico e, em títulos catastróficos, consumimos “Brasil trava as importações”, “Para Washington não importa a crise mundial”, “A justiça européia e a memória histórica”, “Os juízes e o Mercosul”, “Paraguai desvia a trajetória do Rio Pilcomayo”, “Aumenta o tráfico nas fronteiras” etc.

Primeiramente, o que preocupa é a consequência disso para nós que mantemos expectativas que são consumidas por absurdos erros, que a aber-

* Vertido do Espanhol por Elisabete Maria Costa da Silva.

ração financeira e seus promotores, com não camuflada falta de compaixão, produz com a destruição criativa, uma vez que estes fenômenos econômicos amplos minimizam o sofrimento de quem inocentemente se aferra às já conhecidas palavras de esperanças de que tudo poderia se solucionar através de medidas simples que clamam uma urgente resposta, e que se convertem em fatos dolorosos que subsistem e, ao que tudo indica, seguirão por muitos anos, uma vez que as economias do Mercosul perduram em sua natural instabilidade. Parafraseando John Kenneth Galbraith, professor emérito de Economia de Harvard, dizemos que “*subitamente se pode chegar à dolorosa correção quando uma vez mais fica a descoberto a extrema suscetibilidade da mente financeira*”, mas para não se equivocar, esta correção será sempre especulativa para obter certos efeitos.

Como tratar do problema? Partindo da premissa de que a experiência européia é o caminho adequado, mas sendo o projeto latino-americano, talvez mais ambicioso que o *corset* do Mercosul, este deve constituir o núcleo mesmo da abertura em direção ao nosso futuro histórico.

O caminho é retornar até nós mesmos, ou seja, ao que germinalmente e em essência já somos, e considerar o futuro, não como um tempo histórico, vazio, abstrato, mas sim como a plenitude do “porvir”.

Em nossa multiplicidade da diversidade e sua congregação, é a unidade, passando pelo nível estritamente humano, que deve ser recolhida pela dimensão grandiosa de um único Continente que delimite seu todo espacial. O mencionado não é novidade, não foi o ocaso que escreveu o passado de Indo-América, América Ibérica, América Negra, América Independente, América Imigratória, isso é inegável, porque cada uma delas pertence a um momento de sua etapa histórica; mas que a apreciação e nossa vontade de ser Mercosul resultem de nossa própria determinação e forma de ser, para começar timidamente a esboçar nosso ponto de partida para o filosofar latino-americano.

O Mercosul está assemelhado em sua concepção com o que o Prof. Andrés Mercado Vera, da Faculdade de Filosofia e Letras na Universidade de Morón, em sua exposição no Primeiro Colóquio Filosófico do Instituto de Pensamento Latino-americano (19 de setembro de 1995) denominava Ideologia Latino-americana.

Por isso é necessário realizar a distinção entre Ideologia e Filosofia Latino-americana que, como apontava o benemérito professor, a distinção entre ambas está muito longe de ser meramente terminológica, uma vez que

a questão como tema capital da Filosofia compreende as relações entre o saber teórico e o saber prático.

A Ideologia não pretende abarcar a totalidade das matérias de que se ocupa, mas sim somente aqueles aspectos que têm a ver com o interesse que os move e precisamente esta parcialização restritiva que gangrena a dinâmica do Mercosul acarretam consequências nocivas até para o próprio pensamento ideológico.

É assim a filosofia com sua reflexão crítica, que não somente tenha a ver com o sujeito e o filosofar, mas sim e sobretudo com seu objeto, com a coisa em si, para o que chamamos Mercosul. A filosofia que permitirá encontrar e centrar como eixo do giro Copérnico a condição de sujeitos de nossa própria realização latino-americana.

Isto nos permitirá, a partir da filosofia, advertir o colonialismo mais ou menos explícito que opera sobre o pensamento americano que pode passar inadvertido para a investigação historiográfica, jurídica, econômica, financeira, política etc, mas não para aquela...

A filosofia do Mercosul com pretensões de extensão a um pensamento filosófico latino-americano, pelo visto, está muito longe de ter sido indagada em seu conjunto e com suficiente profundidade para permitir comprovar a falsidade de certas suposições e o raquitismo de conteúdos conceituais através da captação total, da análise detalhada e crítica próprias do saber filosófico, que embora deficitário é parte importante de nosso patrimônio.

Para finalizar, transcrevo o que foi dito pelo catedrático Vera Mercado, quando em uma exposição mencionou: *“O pensamento latino-americano em sua marcha para sua constituição como filosofia não pode economizar ‘o duro caminho do conceito’, de outro modo corremos o risco de cair em um novo reducionismo que, como os outros, ignore o sentido substancial e as exigências objetivas do saber filosófico”*.

O desafio é, pois, crescer com o exame permanente do todo da realidade, através da elaboração de uma filosofia do Mercosul que constitua em si um tema de nosso tempo. ◆